



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Centro de Ciências Humanas – CCH

Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Memória Social e Documento – MMSD

Metodologia de História Oral

ENTREVISTA COM JACKSON MIGUEL DA TRINDADE

Data: 29 de outubro de 2004

Local: Centro de Estudos da Advocacia Geral da União – AGU / Brasília

Entrevistadora: Maria Fatima de Souza Silva

Tema: Emancipação de Mesquita

CEP/IM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – UFRRJ

Entrevista com Jackson Miguel Trindade em 29/10/2004

(Fátima) – Boa tarde, Dr. Jackson. A gente gostaria que o senhor falasse inicialmente da sua ligação com Mesquita, de que forma, em que circunstâncias e a época em que sua família se fixou na localidade e de onde vocês vieram.

(Jackson) – Bem, é, nós somos de Sergipe, de uma cidadezinha chamada Ja-po-a-tã. E ela é Japoatã, eu até já escrevi sobre isso, porque ela quando era vila, era Ja-bo-a-tão. Como havia uma cidade, e ainda há em Pernambuco, Jaboatão dos Guararapes, ela não poderia ter o mesmo nome. Então alguém imaginou tirar a última letra, e ficava Jaboatã, mas o som não ficou bom no ouvido de alguém e eles passaram a chamá-la de Japoatã.

origem da família

(Fátima) – Ja- po ?

(Jackson) – Japoatã. Ela fica no estado de Sergipe, no caminho de quem vai pra Vila Nova; naquela época ela tomou um desenvolvimento interessante, porque era parada dos caminhoneiros que iam pra Maceió; naquela época não havia ainda a ponte ligando Propriá a uma cidade chamada Colégio, então a passagem era pelas barcas, e passava por dentro de Jaboatão. Então nós nascemos aí. E houve vários entreveros, nós, e, fugidos de Lampião, fomos pra Salvador, moramos, eu cheguei a morar 1 ano e 10 meses em Salvador. Depois regressamos, na, porque quando nós entramos em Salvador, no dia que entramos em Salvador, correu a notícia que tinham matado....

(Fátima) – Vocês foram fugidos de Lampião, como?

(Jackson) – É, porque Lampião, não ele próprio, mas a turma dele invadia aquelas cidades a toda hora. E, e, nós não tínhamos muito medo, porque meu pai tinha muita segurança com o problema de Lampião, porque ele tinha um bom conhecimento com um dos capitães de Lampião, que era Ângelo Roque, e Ângelo Roque tinha uma irmã que trabalhava conosco, na fazenda do meu pai. Então ela sempre garantia que Lampião não iria lá, mas era uma garantia frustrada, porque os bandos eram muitos. Lampião por si era um comando único, mas ele tinha vários bandos: Ângelo Roque era um deles, que obedecia muito Lampião, mas tinha um, um outro, que farejava muito Jaboatão, eles tinham invadido Cedro, perto de Jaboatão, tinham tentando entrar em Propriá; em Jaboatão eles nunca entraram, mas dizem que o Ângelo Roque volta e meia estava lá, na feira, que era uma segunda-feira, visitando a irmã. Então nós somos aí dessa região, de Japoatã, e, e, quando voltamos de Salvador, esse meu irmão, pai da Marinês, o Regner, ele não quis voltar mais, porque nós tínhamos saído de, de Jaboatã, mais ou menos como uma família bem posta, endinheirada, e meu pai perdeu tudo, não sei assim as circunstâncias, a gente adivinha em que circunstâncias ele perdeu; então o Regner era muito orgulhoso das condições de família e não quis voltar. Mas voltamos nós,

os outros, os demais. Ele então se preparou, é, arranhou um dinheirinho, e sentou praça em Aracaju, no 28 BC, ele e o irmão mais velho, nosso irmão mais velho, José Miguel da Trindade, e vieram para o Rio de Janeiro. Sentaram praça em Aracaju no 28, mas com destino ao Rio de Janeiro, e vieram para o Rio de Janeiro. Ora, o Regner, a vida inteira, ele ficou trabalhando, se preparando pra trazer a família, para o Rio de Janeiro. Ê..., quando ele teve possibilidade, ele mandou me buscar, porque ele achava que eu tinha demonstrado muita vontade de estudar, ele disse – “então o primeiro será esse, trago pro Rio para estudar”.

A mudan-
ça
para
o
Rio

(Fátima) – Então o senhor veio primeiro?

(Jackson) – Eu vim primeiro depois do Regner, o Regner me trouxe primeiro. Eu me lembro que quando eu cheguei, ele disse – “olha, o próximo irmão a vir depende de você. Quando você tiver condições de caminhar sozinho, (risos) eu trago outro” – e, assim foi feito. Eu, no dia em que eu cheguei, no dia que eu cheguei, fui matriculado no Colégio Piedade, pra fazer exame de admissão, que ele me matriculou. Fiz exame de admissão, eu estudei três dias, fiz o exame, passei, aí, eu cheguei mais ou menos em fevereiro de 44, fevereiro de 44; em setembro, aí eu comecei a trabalhar num..., tentando trabalhar como menor e descobri que menor não deve trabalhar, porque menor ganha, ganhava só metade do salário e gasta mais do que um maior...

(Fátima) – O senhor tinha quantos anos quando veio pra cá?

(Jackson) – Uns 17, 16... 17 anos. Aí eu pensei comigo – “É melhor eu ir servir à pátria, como se dizia, porque quando eu sair de lá, eu já sou maior e já tenho esse pagamento feito” – aí fui me apresentar ao exército, mas nós estávamos em guerra, e eu me recordei que o quartel que eu me apresentei, o sargento olhou pra mim, brincou, eu era franzinzinho, talvez com resquícios de impudismo, ele disse – “Quem gosta de criança é a Aeronáutica (risos da entrevistadora)”. Eu fiquei desapontado, eu não sabia nem o que era Aeronáutica, então quando eu cheguei em casa (um fotógrafo da AGU está fazendo fotos nossas), comen..., comentando com meu irmão Regner – “Ah! O sargento disse que eu não posso servir, porque quem gosta de criança é a Aeronáutica. O que é a Aeronáutica” – Ele disse – “Ah! É a escola de Aviação” – eu aí pedi o endereço e, no outro dia fui me apresentar lá (risos nossos); e, tentei entrar, e aí houve até um incidente interessante, que nessa altura eu estava matriculado no primeiro ano ginásial, mas na época pra entrar na Aeronáutica precisava ter diploma de curso primário e o sargento me recusou porque disse que eu não tinha o diploma. Eu levei um documento que eu tinha, o certificado, é..., que estava matriculado no primeiro ano ginásial e só poderia estar...matriculado quem tivesse o curso primário. Mas ele não aceitou, porque dentro da, da lei, do regulamento, ele disse que tinha que ter o diploma, e o diploma eu não

tinha. Então eu sobrei. Isso era em março de 44. Em setembro, eu voltei à carga, e aí, ainda não tinha o diploma, porque o Ministério da Educação não tinha planejado ainda, mas aí falando com outro sargento, chamava-se sargento Aluísio, que me tomou de afilhado, e consegui ingressar na Aeronáutica, aí eu fui pra Aeronáutica, fui servir à Aeronáutica, e onde servi 7 anos, devo à Aeronáutica muita coisa do que eu tive que aprender, porque eu tinha tempo pra estudar, eu tinha papel para escrever, eu tinha comida, é, roupa, quer dizer, então a Aeronáutica foi uma mãe pra mim. E com isso, nos preparamos, quando eu fui promovido a cabo, e fui promovido rapidamente a cabo, porque, e..., em três meses mais ou menos o ministro queria, hã....., nós éramos uma turma de 500 homens, queria que se aprontasse 100 homens, aprontar como ele dizia, passasse apronta, formasse, e eu fui escolhido pra ser formado, e como eu era um soldado de escol, eles me escolheram pra fazer o curso de cabo, fiz o curso de cabo, fui o 7.º colocado e fui depois, sem querer, porque aí eu não queria mais continuar servindo, mas fui matriculado de ofício no curso de sargento da Aeronáutica. Pois bem, quando eu passei a ser cabo, aí já tinha as condições de, de me, de me manter sozinho. Nós morávamos num quarto em Quintino Bocaiúva, atrás do cinema que se tinha na época, o cinema ...

(Fátima) – Quem morava?

(Jackson) – Eu e o Regner. Só nós dois.

Fátima) – Só vocês....., então vocês não foram logo pra Mesquita?

(Jackson) – Não, não. Aí nós fomos pra lá, e aí passado uns tempos, aí mandamos buscar, o outro, o outro irmão, que era o Wilson, ele veio conosco, ficou conosco, depois também foi pro Exército, e depois do Wilson é que nós nos preparamos, aí começamos a conversar que tínhamos que trazer a família, e verificamos que nós não tínhamos condições, não tínhamos dinheiro pra trazê-los pro subúrbio do Rio de Janeiro. Nós morávamos em Quintino. Aí passeando em Mesquita, o Regner olhando nos anúncios, compramos uma casa em Mesquita.

(Fátima) – Mas, vocês....., pelos anúncios de jornal?

(Jackson) – Pelo anúncio de jornal, de terreno. Ele viu um anúncio que tinha uma casa pra vender, ele foi lá, me levou, nós examinamos, e era um terreno grande, assim, parece que de..., 24m de frente por 30 de fundos. Dava pra fazer duas casas, tinha um barraco lá. Nós então compramos e aí mandamos buscar os demais membros da família, a raiz toda.

(Fátima) – A raiz toda. Agora, me diz uma coisa. Isso foi em...em que ano?

(Jackson) – Eu não sei, eu não me lembro (risos do depoente), eu me lembro que eu cheguei lá em 44, mas eu não me lembro qual foi a época que, que nós trouxemos a família. E podia até me

De
Quin-
tino
para
Mesquita
↓
anúncios
no
jornal

lembrar, porque quando a família veio, eu já tinha dado baixa, já estava servindo no Loyd Aéreo Nacional, e me recordo que, é, em pouco tempo eu tive que fazer uma operação no pulso, que tinha um negócio aqui que eu não sei o nome, é, que tava já me empatando de, de movimentar o braço, era um caroço aqui, um cisto cinovial, oh... me lembrei o nome. Alô, memória! Cisto cinovial. Nesse dia que eu fui marcado pra operar, eu desci com meu irmão mais novo, Gilson, que já mora lá ao lado da, das irmãs da Marinês, aí eu vi um grande desastre de trem, (.....) e eu fiz meu irmão voltar para avisar em casa que nós estávamos bem e eu continuei a viagem. Fomos, eu me recordo que quando eu cheguei, cheguei, eu tinha que começar a operação às oito horas, cheguei às dez. O médico disse – “Não, não vai operar, não, já dispensei a equipe toda” - aí eu disse pra ele que tinha havido um grande desastre de trem, ele achou graça e disse – “Todo mundo dá uma desculpa dessa” – quando eu falei, entrou no ar o Repórter Esso, no rádio, daquela época, chamando atenção, e ele parou, era uma notícia extraordinária e deu, um anúncio de um desastre de trem; ele olhou pra mim e disse – “Você tava nesse trem?” – eu disse – “Estava sim senhor” – “Você então você não morre mais, pode sentar aí que eu vou lhe operar (risos da entrevistadora), só com uma dificuldade, você vai me auxiliar, porque eu não tenho ninguém” – aí colocou os instrumentos assim, me disse na ordem o que eu iria servindo pra ele, e assim foi feito, ele me operou. Quando eu cheguei em casa, a, a cidadezinha “tava” um clamor, Mesquita, porque tinha morrido muita gente no tal desastre e eu cheguei com o braço todo vermelho, todo empacotado, mas era vermelho de...daquele remédio que os médicos põem, mas todo mundo achava que podia ser sangue (risos da entrevistadora), podia ser sangue. Minha mãe assustadíssima, porque mesmo meu irmão voltando e dizendo que não tinha acontecido nada conosco, ela confessou depois que enquanto eu não cheguei, ela não acreditou na história, porque morreu muita gente, do lado de Mesquita, da nossa rua... Pois bem, aí ficamos nós morando em Mesquita, essa razão de nós termos...

(Fátima) – Vocês compraram o terreno porque..., por que? Qual a razão, era, tinha, fácil..., era fácil, era mais facilitado?

(Jackson) – Era mais barato, era mais barato do que qualquer lugar do Rio de Janeiro. Mesquita era uma aldeiazinha daquela bucólica, ainda que eu chegava do estudo sempre 11 horas, meia-noite, naquela época todo mundo se cumprimentava, não havia assalto, não havia (rindo) nenhum perigo, então, muita lama, né, não tinha nada, é..., eu me recordo, tinha o leiteiro, servia com um burrinho, a carroça puxada no burro, servia leite, um dos leiteiros é hoje o prefeito de, o pai dele, é prefeito de Nova Iguaçu, tá terminando o mandato, Mário, Mário, Mário dos Anzóis... então ficamos aí, aí mandamos buscar a família, viemos todos, teve uma época depois que descobrimos que a casa era

Mes-
quita
↓
terrenos
baratos

mal construída, ela, ela tinha sido uma casa feita coberta de palha, e alguém tirou as palha e botou telhado, e num dia que choveu três dias sem parar no Rio de Janeiro, coisa que (.....), eu não “tava” acostumado com tanta chuva (risos da entrevistadora), aí a casa caiu, na hora do almoço, caiu em cima da gente ...

(Fátima) – Essa casa da rua Regina...

(Jackson) – Hein? Não, não. Essa casa é rua Saturno.

(Fátima) – Ah!... Não era ainda no sítio...

(Jackson) – Não, nós fomos morar na rua Saturno...

(Fátima) – Ah! Tá...

(Jackson) – Aí a casa caiu, depois nós levantamos com auxílio, com ajuda dos vizinhos, que é a coisa mais linda do mundo, com a solidariedade dos pobres, pobres são muito solidários, não liga, pode emprestar dinheiro ao outro, mas pobre entre na massa, e então levantaram a casa, e ficou lá um irmão meu morando, depois passado muito tempo, aí eu já era estudante de direito, aí vimos um anúncio dessa casa pra vender, lá nessa rua Regina, era um terreno, um terreno que eu me recordo vagamente, porque o dono era um herdeiro, nunca foi lá, e nós fomos com um advogado, meu irmão, o Regner, pediu pra examinar se ele podia comprar, porque era um negócio no escuro, tinha, tava em inventário, tinha que dar uma entrada, era 30 mil reais, 30 mil cruzeiros...a entrada era de 20 e 10 pra pagar na escritura, mas num tinha prazo pra escritura (risos entrevistadora), quando o inventário terminasse. E nós compramos, era um pântano, um lugar cheio de água, aí nós roçamos aquilo tudo, o terreno ficou bom e o Regner começou a construir aquela casa que está lá e levou a família raiz toda pra lá.

(Fátima) – Você também foi?

(Jackson) – Não, não, eu não fui, porque eu casei antes, aí fui morar na rua Virtude, ainda tenho o apartamento que eu comprei pra casar, rua Virtude, esquina de Cordura, que o povo chama Gordura...

(Fátima) – É... (rindo)

(Jackson) – Mas não é Gordura, é Cordura; é, nessa esquina, comprei um apartamento, casei, e, fomos lá, inclusive, a família então ficou morando aí; teve uma época que o Regner foi pra São Paulo, servir, foi transferido, então quando voltou, construiu em cima, quase morre construindo aquilo, coitado, (.....), morre assim, um balde de, de... negócio de cimento caiu lá de cima da (.....), caiu embaixo, o balde caiu na cabeça dele, graças a Deus não foi nada não, mas ele era

teimoso (risos da entrevistadora), (...), e aí, ficaram morando lá, quer dizer, essa é a nossa entrada em Brasília, e com esse problema, eu já, eu tinha entrado pra estudar Direito...

(Fátima) – Quando foi que o senhor começou a Faculdade de Direito?

(Jackson) – Ah! Deixa eu ver; 44, eu me formei em 56, 56 menos 5, 51, 50, 51, 51.

(Fátima) – 51.

(Jackson) – É, 51. É, eu estava na Faculdade de Direito, que era a segunda turma da Universidade Gama Filho, segunda turma de Direito da Universidade Gama Filho. E, e comecei a, a escrever, eu já tinha sido secretário-executivo de um jornal em Realengo, e trabalhava com, editávamos o jornal na Última Hora, onde tive a honra, na época não me parecia nada, trabalhar ao lado do, daquele grande romancista, hoje, é, mais famoso como... teatrólogo. É, eu me recordo dele, ficava lá, sentado, camisa aberta, cigarro na boca, caindo cinza por todo o canto, aí quer dizer, ele era fluminense, eu me recordo, ele, não sei...

A
for-
macas
em
Direito

(Fátima) – O Néelson?

(Jackson) – Néelson, de quê?

(Fátima) – Era o Néelson Rodrigues?

(Jackson) – Néelson Rodrigues. Era o Rodrigues.

(Fátima) – O senhor falou do cigarro caindo, eu me lembrei (rindo).

(Jackson) – Aí nós tava lá, um lado, eu me lembro que ele brincava muito assim, ele falava (imitando Néelson Rodrigues) comigo, então ele dizia, o sujeito fala como uma vaca, e ele tinha aquele jeitão, e de vez em quando ele dizia – “Menino, vem cá, tapa esse buraco” – tinha um buraco no jornal, e, na, na própria Última Hora, - “Tapa esse buraco, escreve uma coisa qualquer, naquela medida” -, naquela época eu fiquei treinado em tapar buraco (risos da entrevistadora), tanto que em Mesquita, uma ocasião, eu escrevi um artigo com esse título: “Tapando Buraco”. Então, ficamos ali, eu já me formando, comecei a escrever nesse jornal, chamava “Mesquitense”, que era de propriedade do Ivair Taciano de Oliveira.

O
Mesqui-
tense

(Fátima) – Eu trouxe um exemplar.

(Jackson) – Trouxe um, é? É? (começa a folhear o jornal). É, Mesquitense, né. (saudosista).

(Fátima) – Esse é de 59.

(Jackson) – É, esse já não é da minha época.

(Fátima) – Não.

(Jackson) – **(lendo as manchetes)** - Escola Arruda Negreiros, catástrofe rodoviária, concurso para rainha... Ué? Rainha de Mesquita? E não fui eu que promovi? Ah! Jairo, Jaime Soares, Jaime

Soares, Jaime Soares é depois de mim; redator-chefe, Nelson Ribeiro, grande amigo meu, Nelson Ribeiro, foi embora também.

(Fátima) – É, olha aqui, não foi essa catástrofe ferroviária, não?

(Jackson) – Não, não...

(Fátima) – Ah! Ah! Foi outra (rindo)

(Jackson) – É, dos trens da... Engenheiro Goulart em São Paulo, engavetaram-se, assinalando-se o desastre, é, esse, é depois do meu tempo, porque o Jaime Soares era o impressor do jornal, e o Nelson, era um grande amigo do meu, nem me lembrava que ele foi redator-chefe, eu fui redator-chefe desse jornal, num tempo antes e aí trabalhando com o Ivair, Waldick Pereira! (lendo o nome no jornal), isso, é um outro jornal de Nova Iguaçu, poeta...

(Fátima) – É, isso aqui, foi, foi, doou, quem doou, isso aqui eu peguei lá na, na (.....) de Nova Iguaçu, na, no Arquivo da Cúria Diocesana.

(Jackson) – É, porque o Waldick é um poeta, bom, ele..., eram dois irmãos de Nova Iguaçu, Waldick e Waldeck. Ele..., bons poetas, um melhor do que o outro, eu não sei qual era o melhor, e convivemos muito, um deles, porque fomos do Lions Clube de Nova Iguaçu, fomos parceiros. E eu gostava muito dos dois, eu me recordo que certa ocasião, ainda é campanha de emancipação, aí sim, nesse período eu era candidato a deputado estadual pelo PTB, (.....) vereador, eu fui candidato a...

(Fátima) – Quando que era que o senhor foi?

(Jackson) – Ah! Não sei, é, uma eleição antes da Revolução (rindo), antes da Revolução...

(Fátima) – 56, então, 1956?

(Jackson) – 56, eu, eu me formei, foi depois. Em 56, eu me casei em 58, um 60, 62, teve a eleição.

(Fátima) – 62?

(Jackson) – Deve ter sido em 62.

(Fátima) – Mas aí o senhor ainda tava em Mesquita?

(Jackson) – Ah! Sim. Eu só saí de Mesquita em 1974.

(Fátima) – 74?

(Jackson) – 74, quando vim pra Brasília.

(Fátima) – Ah! Tá.

(Jackson) – Porque...é...

(Fátima) – Então, o senhor can..o senhor, o senhor, se candidatou a deputado estadual?

(Jackson) – Deputado estadual pelo PTB, é.

(Fátima) – Pelo PTB.

→ Saiu de Mesquita em 74

]} A candidatura pelo PTB para lutar pela emancipação

(Jackson) – Aí fomos atravancados porque nós fomos, é, derrotados pelo próprio, próprio partido, porque nós éramos de Mesquita e Nova Iguaçu temia, depois é que eu vim ver a projeção disso, que eu fosse eleito e tomasse conta do partido, porque na época era o Edésio Nunes e tinha dois meninos bons em Nova Iguaçu, que foram delegados, que viviam possivelmente trabalhando por (.....), sei lá. É, um era Valter, Valter não sei das quantas, o outro era Zorly Martins, sei lá se ele tá vivo em Nova Iguaçu. Falar de gente vivo é meio ruim (entrevistadora ri), mas eu não me incomodo não porque cada um tem o seu prêmio e o seu preço (rindo). Pois bem, então aí o Ivair, como eu escrevia para o jornal, e era, eu não sei se nessa época eu já era diretor do jornal, porque eu fui ser diretor do jornal como um desafio. O Ivair, que era dono do jornal, ele era despachante oficial da prefeitura, então as coisas que eu andava escrevendo, começou a incomodar o prefeito de Nova Iguaçu e ele, naturalmente, foi pressionado a, a não escrever mais aquilo. Quer café minha filha?

(Fátima) – Eu quero café. Deixa eu pegar. (interrompe)

(Jackson) – Como dizia aquele...tá gravando?

(Fátima) – To.

(Jackson) – Ele dizia (rindo), não sei o nome dele, um jornalista, “as, as amargas, não, ele, só, só queria lembrar das memórias boas, diz que as amargas não, só as boas” (entrevistadora ri).

(Fátima) – Seu, Dr. Jackson, o senhor tinha alguma rádio, chegou a ter alguma rádio lá em Mesquita?

(Jackson) – Não, não. Eu, eu, tive, nunca tive rádio, eu fiz durante um programa de Mesquita, frequentei várias vezes a rádio de Nova Iguaçu que chamava... So, Solaranja? Não, Solimões. (lembrando).

(Fátima) – Solimões, Solimões, rádio Solimões.

(Jackson) – Solimões, (lembrando e rindo), a gente brincava, Solaranja, era Solimões.

(Fátima) – Então “vamo” lá. O senhor já falou um pouco, mas eu queria saber, é, quais eram as, as atividades é, não po, não só políticas, mas sociais, mas de lazer também do jovem Jackson Trindade.

(Jackson) – Hum...A, as nossas atividades, eu era cabo da Aeronáutica, quando saí da Aeronáutica fui servir no Loyd Aéreo, porque eu tinha uma prática de controlador de vôo, então eu trabalhava aí e estudar, a minha diversão era trabalhar e estudar, é, tinha, é, o meu grande hobby era livrarias, que hoje se chama, chamava na época sebos, adoro sebo até hoje, tenho livros espetaculares que pouca gente tem, comprado no sebo, e eu não sei nem porque comprava aquilo, era um instinto (entrevistadora ri). Tanto que agora, agora, mês que entra, no dia 16, eu estou inaugurando aqui no

Centro de Estudos, eu acho engraçado a vida como faz coisas, inaugurando um Curso de Lógica, então as pessoas... Você é professor?

(Fátima) – Sou.

(Jackson) – A senhora, eu não.

(Fátima) – Ah! Ah!Ah! (rindo)

(Jackson) – Rindo. Eles me perguntam - o senhor vai dar um curso de Lógica? Dá licença, o senhor é professor? – Não – Ué, e como é que o senhor vai falar de Lógica? – Eu digo, porque nesse, nessa área nós temos pensadores, filósofos, divulgadores de filosofia e professores, e até historiadores, e nesse meio a gente finge aí, e, e eu fui, recebi a missão de estabelecer um curso de Lógica, não para eu dar o curso, montar o esquema de que seria um curso, porque o, o advogado geral da União entendeu que a, a meninada não sabe pedir, tá assim naquele negócio da Bíblia que o professor Eliezer, Eliezer Rosa, meu professor permanente, também já tá no céu, dizia – “Pediste e não recebeste, porque não soubeste pedir” – é, apesar de estar escrito pedis, pedis, pedis e receberás, mas tem que saber pedir, e o advogado tem que saber pedir, e ele tá estranhando que os alunos pegam uma petição, lêem e não sabem o que é que o cara quer dizer, então dar um curso de Lógica, mas eu quero um negócio ao rés do chão, bem no plano, aí eu montei um curso pra ele, montei, a minha missão terminaria com a montagem do curso. Depois da montagem do curso procuramos os professores pra, de filosofia pra vir dar aula e não conseguimos. Uns estão de férias, outros estão querendo entrar de férias, outros porque o ganho, e, não compensa, e marcado o período, depois eu vou lhe dar todo o cartaz dos anúncios. Ele – “Como é que nós vamos fazer?” – “Você dá?” - Eu digo – “A primeira, a primeira, a primeira aula eu dou, quer dizer, o primeiro grupo, até que eu já fiz até o plano, eu disse - nós vamos plantar uma árvore, o problema de... da colheita é a semente boa, nós escolhemos boa semente, se a, o terreno for fértil, não importa muito o semeador (rindo), então vamos dar essa aula”. Então por isso vamos dar filosofia, e de brincadeira, eu escrevi nesse período, no período depois da revolução, eu já era formado, e, portanto, depois de..., da luta de emancipação, não falamos dela ainda...

(Fátima) – Não, vamos entrar...

(Jackson) – Vamos entrar. Eu escrevi um livrinho, como também um desabafo, uma brincadeira, chamado Melito, “De artilheiro do, de artilheiro do Cabuçu F.C. a embaixador especial da ONU> Esse livro foi escrito porque eu era presidente do LIONS de Nova Iguaçu e, começamos a fazer uma campanha em prol dos menores abandonados em Nova Iguaçu, em nome de, abandonados, mas menores, e, aí, quando a nossa campanha pegou fogo, eu andava, eu escrevia muito sobre isso, me

apareceu um cidadão, cujo apelido era Tarzan, ele era policial federal, mas era cineasta, ele fazia filmes de curta metragem, ensinando as pessoas pra prevenir as portas, pra não ser arrombado, pra fechar, e um dia ele me aparece lá no, no, no escritório e disse que tinha visto uns “trabalho meu”, e tava querendo me mostrar o filme, que ele me daria o filme pra fazer campanha em prol das crianças. Eu disse - “Ó Tarzan, eu posso usar o seu filme, mas primeiro eu quero ver o teor dele” -, (...), porque o filme tinha sido primeiro colocado no festival de Moscou, e por isso foi vetado no Brasil, não tinha (risos) mercado no Brasil. Eu vi o filme, o filme era uma coisa linda, era um filme de chorar, contando, naquela época, a história das crianças que são convocadas para o crime, que, na época, tinha outro nome, os pivetes, e aí, eu gostei do filme, ele me emprestou o filme, e me pediu pra escrever uma introdução, quando o filme aparece, eu escrevi uma introdução, e os do..., moço lá do filme, ficaram encantado com a minha introdução, e me desafiaram a escrever um trabalho que ele chamou, eu, ele disse - “eu vou fazer um filme curta, são três curtas-metragem, pra fazer uma longa-metragem, mas com três histórias: é um jovem na política, um jovem no esporte e um jovem na música”, ele disse - lá tu vai..., sorteou, o senhor vai escrever sobre um jovem na política, aí eu disse - “ô,ô, Tarzan, eu nunca escrevi pra cinema, nem para teatro, num tem nem como sair numa dessas, porque a linguagem é diferente, é, no cinema você não precisa falar, você mostra” -, ele disse - “você não, você escreve o tema, escreve o argumento e a gente faz adaptação” -, eu digo - “então me traga o que você já tem” -, e ele tinha um jovem no esporte. Eu peguei o jovem no esporte, trouxe o jovem pra política (risos da entrevistadora), que aí deu Melito, porque me recordo quando eu estava quase no fim, chamei ele no escritório, ele foi com outra pessoa, eu disse - “eu queria que você visse, porque eu posso tá perdendo tempo, eu não sei se você vai gostar do que eu sou..., estou escrevendo” -, aí li pra ele, meu escritório cheio de gente que gostava de me ouvir, aí quando eu terminei, ele disse - “é, não vai dar, porque eu lhe pedi pra fazer uma curta metragem e você escreveu da...(risos da entrevistadora) um longa metragem inteiro. Pode continuar, porque se você permitir, nós temos comércio na, vendendo, a Globo”. Eu não sei se era verdade, nunca apurei, mas depois ele me trouxe, e me arranjava um dinheiro compensador, só que eles me comprava tudo, a história e a mim, que eu desapareceria (risos da entrevistadora), como autor da história. Eu falei - “não, não, eu não estou interessado no dinheiro” - e me lembro do padre Bernardes, disse - “eu não vendo miolos de pão para comprar miolos de..., não vendo miolos da cabeça para comprar miolos de pão” -, (risos da entrevistadora), e aí ficamos, aí eu cheguei a publicar, pelo Cruzeiro, essa história, que é interessante, ta escrito em forma de diálogo, em forma de teatro, onde conta mais ou menos a história da Revolução, quer dizer, à margem, não é a história da Revolução, tanto que eu fui, nessa

época, logo depois, algum tempo depois, eu fui nomeado procurador da fazenda, por concurso, fiz um concurso, pra sair de, de lá, porque tava esgotando meu tempo e eu era fiscal da COFAP, aí fiquei pensando: “Meu Deus, qualquer época dessas, na hora de me aposentar, vou me aposentar com esse ordenado, não é compensador”. Aí vou fazer concurso. Eu digo pro povo aqui - “foi o Roberto Carlos que me mandou fazer concurso” (risos da entrevistadora) - , eles “disse” - “como?” - e, o, o Roberto Carlos, tava dando, parece que o primeiro show no Rio, no Canecão, e eu fui comprar entrada, e lá na bilheteria tinha um cartaz assim: “Faça concurso pra Procurador da Fazenda, aí eu fiz (riso da entrevistadora), eu perguntei: “O que que é Procurador da Fazenda?”, achei o nome bonito, eu acho até hoje, porque digo ao pessoal - “foi o maior presente que eu podia dar ao meu pai, que era vaqueiro, era ser Procurador da Fazenda” (risos de ambos).

(Fátima) – **(rindo)** - É verdade.

(Jackson) – Aí fui e, e assim escrevemos esse livrinho que conta, ao lado da história da Revolução, é uma história interessante, eu acho, porque é uma história de um indivíduo que quer sair da política, ele não quer entrar. Ele estava na política, porque era jogador de futebol, e, como era o artilheiro, foi candidato a vereador, então ele fez tudo pra não se meter em política, e toda vez que ele tomava uma decisão pra sair da política, aí ele crescia a fama, aí é que aí ele subia na política, mas vamos voltar que esse assunto é meu só. (risos)

(Fátima) – Então “vamo” lá. É, eu queria que o senhor falasse agora, de que forma o senhor e interessou pela causa da emancipação, o que motivou isso, não é? Quer dizer, descrever um pouco esse primeiro movimento da década de 50, quando aconteceu, quer dizer, quando tudo começou, em que época, em que ano, quando começaram a se organizar, reorganizar, quem é que participou, né, se possível lembrar as pessoas que estavam juntas nesse processo, algumas delas, como é que vocês se organizaram, as forças políticas envolvidas, forças contrárias, se tinha símbolos, né, nessa campanha da emancipação, enfim, como é que foi esse primeiro movimento e também procurando descrever aquilo que eu trouxe pro senhor, que é a Ata da, do Clube Se..., da primeira..., lembrar um pouco como é que foi essa, essa primeira, né, me parece que foi um primeiro encontro mais organizado, né. Então, o senhor ta com a palavra, e... vamo lá.

(Jackson) – É, ó, eu lhe disse, eu estava dirigindo o jornal de Mesquita... **(acabou o primeiro lado da fita número 1)**. Então, o Ivair, que era dono do jornal, me convidou pra ir a essa reunião, e a senhora vê que eu fui pra reunião e já fui como presidente lá da...da mesa, porque quando ele me convidou, se eu queria fazer parte, Ivair Taciano, da, de uma campanha de emancipação, meu primeiro passo foi procurar saber o que que era isso, então buscando, assim, nos alfarrábios, nas histórias, eu

Como entrou na emancipação

encontrei um livro, “A Multiplicação dos Municípios em Minas Gerais”, e fiquei apaixonado pelo assunto, porque eu sempre fui apaixonado pela gleba, pela, o lugar pequeno, eu digo aqui ao pessoal - “Eu não sou um homem da grande cidade, eu sou da cidade miúda, e, e o Brasil, o Brasil nasce da, do pequeno, mesmo o Império ele plantava o pelourinho ali, organizavam uns, uns bons vizinhos, os homens bons se reuniam ou eram reunidos pra cuidar da, da cidade ou do, do local. Quando Ivair me chama, eu pego esse livro, começo a estudar o livro e, comecei a escrever sobre emancipação, e aí convocamos a turma e fundei, eu que convoquei e fundei a Sociedade Amigos de Mesquita...”

O estudo do livro

(Fátima) – A SAMES?

(Jackson) – E, SAMES. Eu tenho alguma dúvida porque haviam duas, logo depois surgiu outra, tinha duas sociedades, que depois, é, amalgamamos numa só, tinha uma fundada pelo Hélio do Amaral, e que eu não sei se era AMES, Associação Mesquitense, não sei o quê... e tinha a SAMES, e eu tô vendo aqui na Ata que o Ivo Montes da, que era meu, meu velho amigo lá na, na, em Banco de Areia, já falava de emancipação, mas o eco não chegava aqui pra nós e nós o trouxemos pra cá e começamos a desenvolver. Esse povo todo, que veio pra cá, co, começou a trabalhar em emancipação, eu comecei a estudar o assunto e comecei a ser um, um soldado, assim, armado, e com conhecimento, procurando saber como é que se emancipava e qual, qual é a vida de um município.

A fundação da SAMES

(Fátima) - Quais eram os argumentos que o senhor Taciano lhe falou quando lhe convidou pra essa reunião, já, eles já tinham feito várias reuniões, como é que era isso?

(Jackson) – Não, Ivair, não tinha feito. Ivair, é uma coisa interessante, ele era um sujeito que gostava muito de mim, que eu escrevia no jornal dele e nós não nos conhecíamos, então ele era o fã do que eu escrevia e mandava, mandou vários recados pra eu ir falar com ele, eu sempre recusei, não fui, porque no, no meu, na minha visão ele pertencia à elite de Mesquita. Tinha elite em tudo o canto: Arthur Silva, seu fulano, o seu, o moço do armarinho, um cunhado dele, dono da padaria, que eu tenho até uma anedota interessante, do dono da padaria que, me falhou o nome, esse povo é que mandava em Mesquita, ele tomava conta do clube, que, naquele, na época, era um clube, é, filiado, ao Fluminense, e só tinha....

(Fátima) - Qual? Esse? (mostrando o jornal)

(Jackson) - Não, o clube de Mesquita. Mesquita Tênis Clube.

(Fátima) - Mesquita Tênis Clube.

(Jackson) - Ou Tênis Clube de Mesquita.

(Fátima) - Tênis Clube de Mesquita.

(Jackson) - É, esse clube era da elite de Mesquita, então Ivair mandava me chamar e eu não queria ir, porque eu não era da elite, eu era do...do..., freqüentava o clube Sete de Setembro, ou, ou o de Mesquita, ou um clube que a gente chamava Boate do Caco, que era um clube que tinha em, daquela olaria grande, que tinha em Mesquita, que eu gostava muito, quer dizer, mas um dia aconteceu de..., foi quando houve o problema que ele não podia mais publicar os meus artigos, porque estava sendo pressionado, mandou me chamar, e disse - "olha, eu gosto muito de seus artigos, gostaria de continuar publicando, mas não tenho condições de publicar, porque tô recebendo pressão pra não publicar os seus artigos, mas tem uma maneira de publicá-lo, você assume a direção do jornal, passa a ser o responsável pelo jornal e pode publicar o que você quiser". Aí eu passei a ser diretor-chefe do jornal; então a partir daí, o que eu me lembro, era, ele, era, era prefeito Ari Schiavo, que era de Paracambi, e eu fiz uma campanha, é, perversa contra Ari Schiavo, porque eu fiscava, fiscalizava Ari Schiavo de toda a maneira, me lembro que uma ocasião ele, ele comprava todo mundo, tavam acostumado a comprar, mandou me convidar para ir à prefeitura, e eu fui, levei um menino chamado Luís, filho de um moço que era dono de uma leiteria em Mesquita, fotógrafo, foi fotografar de graça, eu levei e disse - "você fotografa tudo, todos os movimentos, sem parar, que eu quero pegar esse prefeito de todo jeito" - porque eu precisava era de uma prova que eu não podia ser comprado, e ele me serviu café e nós conversamos e ele apelou, que ele não fazia aquilo, que ele fazia muitas coisas boas pra Mesquita, e chegou a fazer mesmo. E, e, no outro dia o povo ficou, assim, atento - "o que é que vai sair agora no jornal (entrevistadora ri) depois da convocação" - . No outro dia a manchete do jornal era isso: NA PREFEITURA, O CAFEZINHO É BOM! (entrevistadora ri). E aí, samba nele, e eu me lembro que ele um dia ficou muito triste, porque ele mandou fazer uma escola correndo, lá... perto de Edson Passos, cobriu lá um galpão com madeiras e, e mandou me chamar pra inauguração, eu fotografei e escrevi: Ah, O PREFEITO FAZ UM, UM CURRAL PARA OS FILHOS DO POVO - era uma malvadeza, porque é, na época de inverno, o vento passava pelas frestas, (.....), bom, mas eu tenho que ser freado, porque...

(Fátima) - Tá, mas aí como é, é, como me, me recorda como é que foi que o senhor Taciano lhe convidou pra...

(Jackson) - Ah, e...Quando eu assumi a, a direção do jornal, ele me contou que havia, ah... , ia haver uma reunião e que, se eu queria comparecer e eu compareci e aí eles me jogaram lá como presidente, quer dizer, aí eu fui convocado pra ser um dos soldados da emancipação e comecei a trabalhar, foi aí que eu comecei a estudar sobre emancipação, eu a...acho que até hoje, de quando em vez, eu digo umas in, umas inverdades que não são puras, mas, toda verdade não precisa ser pura, a

A reunião do Clube 7 de Setembro

verdade boa é a que vem como na, na mineração: (.....) eu digo, ninguém no Brasil, naquela época, entendia mais de, de, de emancipação do que eu. Os mineiros tinham multiplicado grandemente os municípios, mas eles multiplicaram, eles fizeram municípios, assim, às “enxorradas”, sem saber o quê e o porquê, e eu estudei, estudei até coisas mesmo, como se desenvolve a cidade, como as cidades criam alma, e me recordo que nesse período, logo depois desse período, eu fui chamado a um debate, eu tinha feito, dado uma entrevista numa rádio de Caxias, a respeito de emancipação e Mesquita quase toda ouviu. O Zé Paixão era deputado estadual e, aí preparou-se, mandou me convidar se eu aceitava um debate com ele sobre emancipação, que ele ia provar que Mesquita não tinha nenhuma condição de ser emancipada.

(Fátima) - O Paixão?

(Jackson) - Paixão. José Montes Paixão. Então, eu aceitei, aí, é, o debate era na, na rádio Solimões e ia dirigir os debates, Joaquim de Oliveira, que era um amigo nosso, mas, partidário do Monte Paixão, e algumas pessoas me avisaram, me pediram que não fosse ao debate, porque ele ia me esmagar, porque ele tinha uma pasta de documentos desse tamanho, e eu me recordo que fui ao debate com uma revista, naquela época não sei qual era a revista, nem, na mão. O pessoal - “mas você vai assim?” - Eu digo - “Vou” - É, então quando começamos a reunião, co..., antes de começar, eu disse - “ô presidente, pela ordem, eu queria colocar, eu tô acostumado a ir à reunião pra tratar de assunto, e, geralmente, a reunião não trata de assunto nenhum, ou pelo menos do assunto pra que foi convocado, termina mandando um abraço pro governador, um abraço pra filha não sei de quem..., e eu gostaria que, que a reunião fosse sobre emancipação de Mesquita, isto é, Mesquita é distrito, pretende ser cidade, então nós temos que saber o que é distrito, o que é cidade, o que é uma vila e como se faz pra ser cidade. Se Mesquita, que é uma vila, tem condições de ser cidade. E aí o adversário perdeu, disse que não sabia nada disso, não tinha, nem tava preparado...”

(Fátima) – Conta um pouquinho quais foram os seus argumentos exa, o argu, os argumentos do, se o senhor se lembrar do...Monte Paixão.

(Jackson) – O Monte Paixão, eu me lembro, porque eu tive que combater um argumento com graça, porque Mesquita, ele mostrou, que pelo orçamento, Nova Iguaçu gastava um dinheirão, e que Mesquita não tinha condições nem 10% pra ter aquela condição, pra, pra se emancipar e que precisaria nenhum, de um município podia deixar de ter aquele dinheiro e eu me recordo que disse pra ele – “nenhum jovem deixa de se casar porque ele não tem o mesmo dinheiro que o Paixão tem, o Paixão vai se casar, ele convoca todo mundo, vai automóvel, convoca bolo, (.....) mas a gente pra casar não precisa nada disso, basta ter cama e um cobertorzinho e casa e vive feliz, não tem nada a

O debate na Rádio Solimões com Paixão

ver com o dinheiro” - Mesquita então vai viver como um município pobre, trabalhando pra subir, sem precisar de ser igual a Nova Iguaçu, que já era uma moçoila grande, tanto que foi o nosso movimento que explodiu de Nova Iguaçu, saindo Queimados, saindo Belford Roxo, saindo Paracambi, Paracambi já era um outro, e ele, então Nova Iguaçu, os iguaçuanos antigos não me perdoam isso, de ter explodido, ah, esse movimento de Mesquita explodiu os distritos todos. Nós éramos o quinto distrito de Nova Iguaçu. Foi embora o segundo, Queimados, saiu Belford Roxo antes de nós, Belford Roxo, Queimados, e..., não me lembro de outro, Paracambi (a entrevistadora repete), não, Japeri (a entrevistadora repete), Japeri, Paracambi já era (é..., tá – concorda a entrevistadora) município, não era da nossa turma. Então, o argumento do Paixão era centrado nisso, era no dinheiro, no orçamento, isso ele tinha documentação, e eu não estava pre..., preocupado, digo, os pobres vivem sem ter o mesmo dinheiro que o rico tem, e vivem bem, porque viver bem não tem nada a ver com o dinheiro.

(Fátima) – Esse debate foi em que ano?

(Jackson) – Ah, não me lembro o ano não, mas ele era deputado estadual, hum...

(Fátima) – Foi depois do movimento de emancipação?

(Jackson) – Foi..., é, dentro do movimento (dentro do movimento a entrevistadora, repete), foi no caminho do movimento, eu acho que esse debate (....) se Mesquita tinha ou não condições pra se emancipar. Nós já estávamos trabalhando com as listagens, formar o processo, tivemos, a..., ajuda aí, o Hélio Amaral trabalhou muito pra conseguir muitas “assinatura”, preparamos o processo, alguém, né, arranjou um deputado pra nos ajudar, que era um padre, padre Pedron,...

(Fátima) – Padre?...

(Jackson) – Padre Pedron, Pedron, era um negócio assim..., é, padre Pedron... Não sei o nome dele, é, era um deputado que não era da região, ele era dali, lá de cima, de outra região, de, do Estado do Rio, e veio nos ajudar na emancipação. O processo pronto, tava dependendo de um parecer da..., do ministro da... Que, ministério! Da Secretaria de Justiça e na mesa do secretário o processo sumiu.

(Fátima) – Na mesa do secretário... Que secretário?

(Jackson) – Secretário de Justiça do Estado do Rio, era secretaria de, de justiça...

(Fátima) – Então ele já tava, não tava mais na Assembléia Legislativa?

(Jackson) – Tinha passado na Assembléia e foi submeter esse parecer para voltar pra Assembléia pra declarar Mesquita emancipado.

(Fátima) – Ah, então tava no Palácio?

O sumiu do processo

(Jackson) – Tava no Palácio, tava no Palácio, e aí o processo sumiu, o processo sumiu, deu muito, uma briga doida, eu me recordo que eu fui a um congresso de municípios em Campos, nesta época, sem me lembrar das datas, e o Secretário era de Campos, e ele sabia que ia denunciá-lo, e nós estávamos num congresso de municípios, parece que era a primeira vez que um distrito comparecia a um congresso de municípios, porque eu já tinha ido a dois ou três e eles me admitiram, assim, sei lá, uma inscrição, outra, pra falar sobre, (.....) emancipação de Mesquita. Nesse período, aí, eles me ameaçaram de morte, os, o Secretário levou lá uns capangas pra me assustar, colocarem lá a hora que ia subir à tribuna, eles tomaram conta, ficaram em volta, pensando que com isso eu deixaria de falar o que tinha que falar, mas claro que eu não deixei, falei, e tenho uma lembrança de pessoas desconhecidas que eram os comunistas de Cabo Frio, depois é que eu soube, os comunistas, um grupo de comunistas de Cabo Frio que se acercaram de mim e tomaram conta de mim e foram me levar no hotel e me trouxeram de volta, e me aconselharam embarcar um dia antes, que eu corria perigo de vida...

(Fátima) – Então eles lhe protegeram?

(Jackson) – Eles me protegeram, eles me deram cobertura...

(Fátima) – E por que que o senhor tava... assim ameaçado?

(Jackson) – Porque eu estava denunciando o Secretário de Segu..., de Justiça, de Segurança, não é Segurança, Secretário de não sei o quê...de Justiça, e ele era homem de Campos, aquele pessoal que... manda matar...

(Fátima) – O senhor atribui esse sumiço do processo a quê? O que que o senhor acha?

(Jackson) – Não há dúvida nenhuma de que foi o Paixão que levou, que sumiu com o processo. Isso não há, é, é, como eu sou profissional de advocacia (entrevistadora ri), não podemos falar sem prova, mas podemos falar de indícios, nós temos indícios veementes, e eu vou até lhe dizer é, é, aquele negócio, quando se comete um crime a gente procura saber... Quem tinha interesse no crime? Paixão tinha grande interesse, e o interesse não era interesse por amor à Mesquita ou por amor à Nova Iguaçu. Ele tinha um cartório de registro de imóvel em Nova Iguaçu, mas o cartório, a grande renda do cartório era o, o, os registros de Mesquita, que pertencia ao cartório. Ora, se Mesquita se emancipava, ele teria medo de perder esse cartório. Ele deixaria, no máximo, de ser um cartório de Nova Iguaçu pra ser cartório em Mesquita. Tentou, que ele volta a trabalhar pela emancipação, coisa engraçada, a vida é dura, quer dizer, ele deve a mim por ter aberto os caminhos da emancipação pra ele depois, quando briga com a mulher, ele antes passou o cartório pra mulher, porque ele se aposentou, numa maneira que ninguém sabe como, antes da idade, e aí o, o cartório foi pro nome da

O sumiço do processo
↓
Paixão

mulher. Tudo muito bem porque tava casado, depois eles se descasaram, e ao se descasarem ele notou que não tinha razão de fi..., de ficar com o cartório, logo Mesquita podia se emancipar. Esse é o argumento (rindo) a *latere*, como se diz, não tem nada a ver, mas “in of”, como se diz, mas pode gravar, é, ahn... Há pouco tempo, a ex-exposa deles, dele, me segredou – “O senhor sabe quem levou o processo, roubou o processo de Mesquita?” – “Sei, foi o Paixão” – “E aí, mas sabe o que ele fez” – “Não sei, o que ele fez, não sei” – “Ele queimou e jogou as cinzas no mar” – (.....) no bom sentido, foi lá, e ela disse - “Você vai usar isso?” – “Não, não, porque agora, o tempo acabou com tudo isso” – Isso antes de, de Mesquita se emancipar. (– Isso antes de Mesquita se emancipar? entrevistadora repete). Isso antes, ele já, ele já começava, já tinha começado a trabalhar pela emancipação de Mesquita, tanto que como o povo, é claro, tem fraca memória, muito, muita gente acha que ele é que fez a emancipação, ele é que trabalhou pela..., por isso o elegeu prefeito, (.....)

(Fátima) – Quer dizer que então esse movimento de 57, ele constituiu um processo, porque antigamente, nessa época ainda não tinha plebiscito, então como é que era o processo pra você chegar a... emancipar um município? Qual era o procedimento?

(Jackson) – É, o procedimento era esse. Fazia-se um, um abaixo-assinado, como o povo chama, e, e, levava-se à, à Câmara que examinava e, e esse processo era dos, dos eleitores, era um plebiscito interno, que depois o povo era chamado porque era, era chamado exatamente os eleitores, uma distinção que eu brigo muito por aqui é esse, de, e eu vou começar brigando, porque hoje a, a senhora sabe, há uma farra de cidadania. O Brasil de vez em quando tem febre de... Cidadania, dá e rola, cidadania, vem cá, e dou (.....), cidadania. Perderam a noção de cidadania. Então, só o cidadão, são chamados a participar, porque cidadão é aquele que participa da administração da cidade, ela já teve conotação religiosa. No Brasil, ela sempre mudou, quando eu, na primeira república, começou a chamar cidadão todo mundo, é, assim como uma homenagem - “Ô cidadão, Ô cidadão” - e a polícia até passou depois, muito tempo depois a chamar cidadão o criminoso – “Olha esse cidadão aí” – (rindo), (a entrevistadora concorda – “É verdade”). É, mas o cidadão é isso: o cidadão é o que participa da, da vida política da cidade, ou votando ou sendo votado. Tem um pessoal que se assusta quando eu digo – “Eu não sou mais cidadão, eu sou meio-cidadão, porque eu não voto mais, eu não quero votar, porque eu já passei da idade (rindo), então, e como tem aí uns “meio-cidadões”, tem os que podem votar e não pode ser votado, é, é, meio caminho. Então, nessa época, o processo era feito isso. Agora, era...

(Fátima) – Pegava a assinatura...

A
cons-
tituição
do
processo
de
57

(Jackson) – As assinaturas de eleitores, confirmava se eles eram eleitores, e levava-se para, dava-se entrada na Câmara...

(Fátima) – Na Assembléia...

(Jackson) – Na Assembléia Legislativa.

(Fátima) – Tá, mas não tinha aquele dia como teve aquele plebiscito formal, como depois na década de 80 já tinha, isso não tinha?

(Jackson) – Tinha isso, teria depois. Não, mas, mas de chamar o povo pra votar... (não, diz a entrevistadora), não, aí o próprio processo é que determinava.

(Fátima) – Quer dizer, foi esse processo com a assinatura das pessoas, já co, já praticamente no gabinete..., lá no Palácio que, sumiu?

(Jackson) - Sumiu, foi esse processo que sumiu e...a, a briga, a, aparente minha com o secretário, que era até meu correligionário, ele era do PSB, Partido Socialista Brasileiro, nessa época eu era enamorado do PSB, ele ficou ofendido porque eu ia dizer ao povo de Campos que o processo desapareceu na mesa dele, e a imprensa, os jornalistas, desculpe, dizia que eu estava dizendo que ele roubou o processo. Não, ele não roubou o processo. O processo desapareceu da mesa dele. O que eu disse de, jornalisticamente, é que lá no gabinete dele tinha ladrão. Tinha ingresso de ladrões. Uma pessoa entrou e roubou o processo...

(Fátima) – E como é que, como é que o, o prefe, o prefeito lá de Mesquita, tinha, conseguiu fazer isso, na, no gabinete do secretário?

(Jackson) – Ele era deputado, ele era deputado e os deputados entram ali, ele era deputado do governo, então o sujeito entra e sai naqueles, é... caminham ali à vontade...

(Fátima) – Isso foi que ano, que o processo sumiu?

(Jackson) – Ah, não me recordo não, com negócio de ano eu não me recordo...

(Fátima) – Porque dizem que foi em 62, foi isso?

(Jackson) – Não sei, por exemplo, em 59 tavam cuidando disso, não, foi antes disso...

(Fátima) – Porque essa reunião da, do Sete de Setembro, cinquen..., foi em 57, né? Aquela ata que eu lhe fo..., que eu lhe mostrei aqui (57, diz Jackson). Depois disso, é, quer dizer, esse processo, o senhor não lembra, quando é que esse processo, ele foi pra...

(Jackson) – (.....) Mas a época eu não sei se foi 58, 59, até 60, não me lembro, não me lembro assim da...de época, eu procurei o meu pacote de, de jornal, mas não achei, e tenho a impressão que a mulher de, tocou fogo nele (a entrevistadora ri), ela tem medo de...muitas coisas do passado, me

queimou até de uma coisa valiosa, que eu não falo com ela que eram valiosas, porque ela queimou pra segurança minha, pra manter a minha segurança (sorrindo), então,...

(Fátima) – Quer dizer que é essa ata aí, o do seu, essa ata o senhor não sabe com quem tá, né? A original?

(Jackson) – Não, eu, eu atribuo que o, o livro de ata está com as meninas do Regner, porque eu peguei todo o material da emancipação e deixei com ele quando em vim embora pra...Brasília; passei tudo para o Regner, porque ele continuou a luta, ele era o único homem de, que, numa certa época, que tinha uma faixa na porta de casa pela Emancipação de Mesquita.

(Fátima) – Agora me diz uma coisa, me disseram numa entrevista, na minha primeira entrevista, que o seu Regner nessa época aí desse primeiro processo, ele não participava, e ele, ele era contrário, ele era a favor?

(Jackson) – Não, ele nunca foi contrário, ele sempre foi a fa, a favor, mas nunca participou, ele foi sendo levado a participar pelo meu entusiasmo, porque ele era enfeitiçado por mim, ele era o irmão-pai, ele cuidava de mim como...

(Fátima) – Ah, mas nesse primeiro processo ele não chegou a participar?

(Jackson) – Ele participou assinando, participou colhendo, ou entanto ajudando a colher assinaturas, ele colheu assinaturas, tanto que ele não, deixou de falar com o Paixão, desde essa época até hoje, eu me lembro a última reunião que tivemos juntos, Paixão chegou pra dar a mão, e ele não aceitou.

(Fátima) – Agora, seu, dr. Jackson, o senhor podia falar um pouco do seu Hélio Amaral?

(Jackson) – Ah, eu posso. O Hélio Amaral, eu tomei conhecimento que ele era favorável à, à emancipação e que estava, hum... querendo, já, colhendo assinaturas em favor da emancipação, e um dia me apareceu na nossa reunião, acho que ele tinha uma sociedade também e aí...A nossa reunião era ali na rua, ao lado do escritório do Ivair, onde mantivemos durante muito tempo. Então o Hélio do Amaral apareceu, me trouxe os elementos e disse que queria contribuir e nós tentamos fundir, o..., não os movimentos, fundir as duas Associações numa só, porque ele fez uma contribuição formidável. Tanto esse como um outro, que era meu amigo, que também era Amaral, Luís Pinto do Amaral, era um lutador, e esse homem quando explodiu a Revolução, o exército andou me catando por lá, sem me achar e prenderam o Luís Pinto do Amaral, porque disseram que eu tinha uma fazenda em... Miguel Pereira. E ele tem, os familiares dele tinham a tal fazenda, chamava Fazenda Falcão. Então, ele passou a Fazenda de, assim, pro meu nome, disse que a Fazenda era minha e que eu tava escondido lá na Fazenda, mas a intenção dele era desviar a atenção deles, eu acho que ele teve preso no Exército, teve preso na Marinha, e nunca falou. Eles queriam

Seu
Regner,
o
irmão

Hélio
Amaral

saber onde eu andava. Então naquela época, não podia, tinha medo de chegar em casa, mas tinha que chegar, porque o Exército (.....), porque eu estava na primeira, na revo..., no dia da, da Revolução, quando Jango fez o comício dos sargentos lá na, na Central do Brasil, eu estava numa reunião no Arsenal de Marinha, cuidando do mesmo assunto com um moço que era deputado do Jango, que escreveu sobre...Reforma Agrária, Coutinho, acho que era Coutinho, então o Hélio Mendes do Amaral, que é a pergunta, foi um batalhador incansável pela emancipação de Mesquita, lutou muito pelo nosso movimento...

(Fátima) – Ele era o quê?

(Jackson) – Ele era..., é..., trabalhava no Arsenal de Marinha, Arsenal? É, trabalhava no Arsenal de Marinha, era funcionário do...

(Fátima) – Quer dizer então que vocês tinham...A SAMES, então, que, depois até seu Regner rearticulou, ela foi fundada, na verdade, com esse intuito, do movimento da emancipação?

(Jackson) – Ah, sem dúvida. Foi.

(Fátima) – Conta um pouquinho aí...

(Jackson) – Ela foi fundada exatamente pra isso, de convocar as pessoas para lutar pela emancipação de Mesquita.

(Fátima) – Tá. E o seu Hélio, também tinha organizado uma outra sociedade.

(Jackson) – Tinha, tinha. Parece que se chamava AMES – Associação Amigos de uma coisa assim, era um negócio assim, depois...

(Fátima) – E aí vocês fundiram os movimentos?

(Jackson) – Ah, fundimos os movimentos, as Sociedades continuaram distintas, porque a nossa Sociedade é registrada, direitinho, tem os livros de Ata, que ficaram lá com o Regner...

(Fátima) – Agora, então, olha só, então, eu, me diz, me tira uma dúvida, o... prefeito Paixão, ele, o senhor disse que se candidatou em 1958...por aí...

(Jackson) – 58 não, deve ser 62.

(Fátima) – 62, então, o Paixão, ele foi eleito estadual em 58, na verdade que ele foi vereador de 1950 a 54, de 54 a 58, de 58 a 62. E o senhor foi logo depois quando perdeu...

(Jackson) – Exato, e ele também, ele foi eleito, deputado outra vez.

(Fátima) – Ele foi eleito deputado outra vez? Tá. E o seu Hélio Amaral? Ele chegou a ser candidato?

(Jackson) – Não, ele foi candidato a vereador, uma, duas, três vezes, mas não chegou a ser eleito.

(Fátima) – Não, né?

(Jackson) – Foi eleito, candidato algumas vezes a vereador.

(Fátima)- A vereador, né? Tá bom, então agora uma outra pergunta. Por que que, quando, depois do sumiço do processo, porque vocês não deram continuidade a esse movimento pra emancipação?

(Jackson) – É interessante, não sei. Eu, eu tenho impressão que logo depois quando nós teríamos que recomeçar, eu estava empenhado em, em, em deixar Mesquita. Tanto que, é, tem um amigo meu que disse – “você perdeu a oportunidade de ser deputado federal” – porque eu já tinha sido nomeado, não tinha tomado posse, tava pronto pra vim pra Brasília, quando o menino foi eleito de Belford Roxo, deputado federal, era coisa engraçada, ele foi eleito quase que sem voto nenhum, ou não precisava de voto nenhum, e ele dizia que a vez era minha. Digo – “não, eu não quero mais saber de política, porque, eu, eu vou ingressar na, no, no serviço público”- eu era funcionário público, mas não com essa responsabilidade, aí eu já estava pendente à mudança.

(Fátima)- Porque me parece que esse processo, quer dizer, na verdade, foi em 1962, pelo menos é o que tudo consta, que desapareceu. O senhor só veio pra Brasília em 74 (ele confirma em 74). Então foram decorridos 12 anos (ele confirma 12 anos), quer dizer, depois desse processo que teve essa agitação toda, então vocês deram uma parada, vocês não foram adiante?

(Jackson) – Nós continuamos lá, o Hélio do Amaral, o Regner, continuaram a colher assinaturas, eles continuaram com o movimento como “fogo de monturo”, por cima não aparece nada, mas o fogo tá queimando por baixo, eles continuaram com o mesmo ideal. O Regner, nunca tirou a placa na porta dele.

(Fátima)- A placa ele colocou quando?

(Jackson) – Ah, a placa ele colocou logo desde o primeiro movimento. Ele nunca deixou...

(Fátima)- Como era a placa?

(Jackson) - É..., acho que é Pró-Emancipação de Mesquita. Uma coisa assim. Então depois uma menina, um menino dele, inventaram um coisa que fui eu que busquei um lema que era um triângulo: (“escutei falar desse triângulo”, fala a entrevistadora), DUCO, DUCO, DUCOR NON DUCO, é isso. É isso, DUCOR NON DUCO. É um lema que eu busquei, é de um filósofo, mas foi usado pelo, acho, que pelo Mussolini, e significa CONDUZO, NÃO SOU CONDUZIDO.

(Fátima)- É isso que eu vou lhe perguntar (o depoente ri), isso... Vamos agora dar um pulo em 1987, 1986, que é depois desse movimento aí todo, da década 50 que vocês fizeram, reativa-se de novo o movimento pró-emancipação, já com seu Regner de uma parte, liderando, né? Então, é, eu queria saber se o senhor acompanhou isso e saber me responder, na medida em que eu acompanhei um pouco, que eu tava lá dentro, mas eu, né, seu Regner não está mais presente...Por que que seu Regner reativa esse movimento? Em 57, bom já sei que ele não participava e era a favor, é, o senhor

O fogo de monturo

O lema da emancipação em 87

acompanhou o movimento, então como foi esse, essa reorganização de 1987., que deu no plebiscito, que aí já foi um plebiscito mesmo, em 6 de setembro de 1987, e eu soube, Marinês me disse, que o senhor tinha uma camiseta, que chamava DUCOR. Era DUCOR NON DUCOR, que é latim, nós queríamos saber o significado, porque que foi, né, e como é que foi isso, como é que o senhor, se o senhor acompanhou essa, essa reorganização, já pelo seu Regner desse movimento?

(Jackson) – Eu tenho a impressão que esse, nesse movimento, eu já estava em Brasília, mas como eu me comunico com os familiares, até hoje faço isso, todo domingo ligo pra minha irmã lá, e naquela época volta e meia eu tava ligado com o Regner e todo esse movimento, toda reunião que ia haver, ele me comunicava, me dizia, me dava as diretrizes, tanto que uma vez, as meninas dele já eram, não sei se todas, mas a Marinês eram soldadas dessa luta, teve uma vez que eu mandei até uma fita gravada, já que eu não podia comparecer, era uma , uma voz minha lá falando de emancipação. Então, nesse período. Então o Regner continuou com isso e foi, eu sempre até achei interessante porque, no início, ele nunca demonstrou, assim, ele era militar e num... não ligado com esse movimento, mas ele integrou com tanta força, com tanta vontade, que ele nunca deixou de lutar pela emancipação, de sonhar pela emancipação de Mesquita. Então reorganizaram lá o movimento, aí eu não sei qual, quais eram os outros líderes que estavam com ele. Eu sei que ele tava sempre em reunião, as meninas começaram a comparecer e lutar pela emancipação de Mesquita, mas eu só..., só compareci assim, sabendo e uma vez me lembro que gravei uma fita que eles acharam muito interessante...

(Fátima)- E a camiseta, é isso assim que escreve? DUCOR (o depoente reitera DUCOR, NON DUCO). Não, tem R? (o depoente fala – Não, é, acho que não tem, acho que o outro não tem o r, é). É DUCOR NON DUCO (o depoente afirma: NON DUCO). Não, não tem o R?

(Jackson) – No último R não tem, o último, o primeiro tem.

(Fátima)- Ah, o primeiro tem?

(Jackson) – Tem. DUCOR, NON DUCO. Acho que o primeiro tem, não tenho certeza, porque eu não sou bom em latim, mas a expressão quer dizer isso: CONDUZO, NÃO SOU CONDUZIDO.

(Fátima)- E isso ficou, fez parte de uma camiseta, né?

(Jackson) – A camiseta, um triângulo, que era, naturalmente, imitando o triângulo da independência da, dos sonhos de Tiradentes, e, aí o nosso era esse (o depoente ri).

(Fátima)- O senhor pode desenhar aqui..., essa, esse triângulo, o senhor lembra?

(Jackson) – Ah, o triângulo era o mesmo do...

(Fátima)- Do Tiradentes...

O movimento de 87

(Jackson) – Do Tiradentes...

(Fátima)- Escrito...

(Jackson) – Ah.. E a inscrição assim... DUCOR NON DUCO.

(Fátima)- O senhor não tem nenhuma camiseta?

(Jackson) – Ah, não, não tenho. (riem). Eu podia ter, mas não tenho não.

(Fátima)- Tá, agora eu vou lhe perguntar uma coisa que apareceu no jornal, que é o seguinte: é, essa, denominação “pai da emancipação”, o senhor deve saber, o senhor deve ser, é, o senhor deve acompanhar, em 99, Mesquita, se, finalmente conseguiu se emancipar, depois de um processo de quatro anos e teve uma primeira eleição em 2000. Quem foi eleito prefeito foi José Montes Paixão, que foi eleito com essa insígnia de “o pai da emancipação” ou então “o emancipador”. A propaganda foi feita em cima disso. Lendo os jornais de 1987, eu vejo essa insígnia de “o pai da emancipação”, atribuída ao seu Hélio Amaral, que tá aqui (mostrando o jornal), Hélio Amaral “pai da emancipação”. Eu queria que o senhor falasse um pouco a respeito dessa questão dos pais, ou do pai da emancipação. O que que o senhor acha?

(Jackson) – Hum...(um pouco de silêncio antes de iniciar a resposta). É, eu nunca me preocupei, porque esse foi prefeito lá também, né? (apontando para a foto do Framínio Gonçalves, atual prefeito).

(Fátima)- Ele é atualmente, o vice-prefeito, Framínio.

(Jackson) – É, trabalhou conosco, inclusive...

(Fátima)- Ele trabalhou com vocês em 57?

(Jackson) – Trabalhou, trabalhou, desde 57.. (a entrevistadora diz: vou entrevista-lo também). Então, desde 57, ele trabalhou comigo, me parece que ele tá meio... (término do lado B da 1.ª fita). É, o problema de, de ser pai, de, de... pai de emancipação, eu não, nunca participei disso, nem nunca me preocupei, porque, a senhora sabe, às vezes quem leva a glória não precisa lutar por alguma coisa. Eu esse dias tenho me interessado por história, história da filosofia, e aí fico descobrindo... Ainda ontem tive brincando com um cara ““Você sabe que um dos grandes homens se chamava *Alexandre, o Grande*, e ele era grande porque começou matando o pai e depois matando o irmão pra ser o rei, porque ele não era o destinado a ser o rei, então, por exemplo, o..., não é o caso do Hélio Mendes do Amaral, mas aqui é um anúncio dele, é, chamando atenção, naturalmente, pra pedir voto e...

(Fátima)- Agora, em 57, lá, quando vocês começaram, existia, circulava essa questão de alguém ser o pai da emancipação?

Pai da emancipação

(Jackson) – Ah, não, não. Ninguém, ninguém nunca cogitou disso, quem era o pai, porque até eu, eu, eu, eu tenho assim, outros conceitos de procurar, se tem um pai tem que ter uma mãe, ninguém nunca quis ser a mãe da emancipação (ri), então, não se cogitava de quem era o pai não, nunca...

(Fátima)- Muitas pessoas hoje, eu já, entre..., eu, o senhor sabe que eu tô entrevistando várias pessoas, atribuem ao prefeito licenciado atualmente, a responsabilidade exclusiva, praticamente exclusiva por esse processo de emancipação, e muitos o atribuem como “o pai da emancipação”; o que que o senhor acha dessa...de..., dessa avaliação?

(Jackson) – Olha, e..., o, o, o processo de emancipação que surge, surtiu efeito, é, é um trabalho de José Montes Paixão, ele é que trabalhou pra isso, e, possivelmente, já com outras intenções, mas foi ele que batalhou e ele pode ser o pai, e a mãe, tudo junto, porque sem dúvida nenhuma essa emancipação agora foi ele que fez, foi ele que trabalhou, ele que conseguiu, com a força dele, com a força eleitoral, e comprando ou não, mas é um trabalho deles.

(Fátima)- Tá.

(Jackson) – Agora, dele ser o pai da emancipação, é aquele negócio, é uma jogada de, que o povo não conhece a história, os idealistas vão ficando pelo caminho, e...

(Fátima)- É justamente isso que a gente quer..., tentar dar uma recuperada (o depoente fala ao fundo, uma “resgatada”), é, é, a que o senhor atribui, por exemplo, em noventa e três teve o segundo plebiscito, o senhor deve ter acompanhado, que não teve quorum também, e em 95, foi esse, que deu origem à emancipação, mas que também não teve quorum, né? Eu, o senhor acompanhou alguma coisa, ou...

(Jackson) – Acompanhei, acompanhei de longe, porque eu estava aqui, mas, por exemplo, as vezes que eles vieram a Brasília, eu estava presente na, nos tribunais eleitorais, acompanhando tudo, e, e, vou até lhe dizer uma coisa “in of”, perigosa, a emanci...(a entrevistadora pergunta – “eu posso, quer que eu desligue” -) – “Não, não, não, não, porque as coisas, verdades têm que ser dita, o..., a emancipação de Mesquita corre muito perigo, porque há um processo no Supremo, e que os ministros estão cautelosos de julgá-lo, porque pra julgar, tem que julgar contra Mesquita, não é só contra Mesquita, é contra vários municípios, em, criados nesta mesma oportunidade, porque eu, foi baseado segundo eles, numa lei inconstitucional. Eu tenho a impressão, como é muito difícil, porque Mesquita preenche todas as condições e preenchia há muito tempo, mas muitos dos distritos que foram carreados a sede de município não tem as condições que tem Mesquita, porque Mesquita já na minha época ele era um distrito maior do que a maioria dos municípios brasileiros, agora tem muitos distritos que foram elevados à categoria de, muitos distritos que foram elevados à categoria de, de

A emancipação: trabalho do Paixão

o povo iludido

O processo que está no Supremo sobre a reanulação da

município que não tem condições, e in, inventaram, aí mostraram que umas leis que, emancipando, cuidando da emancipação, são inconstitucionais, inclusive a que emancipou Mesquita; então há um processo, possivelmente movido pelo prefeito de Nova Iguaçu, não sei, mas eu vi, né, numa aula, aqui na, na, na UNB, a UNB, não, na CEUB, um professor dando aula, e ele é ministro do Supremo, e ele tá com, ele relatou o processo desse, e, principalmente, e precisamente o processo sobre Mesquita, e ele acha que é muito difícil Mesquita sobreviver, salvo se daqui pra frente nós temos um problema do fato consumado, se o Supremo der uma volta ou surgir uma legislação dando novas características, porque, porque da maneira que ele foi emancipado, não há nada com o processo da emancipação, há com as condições que a lei não permitia ser elevado à categoria de município, dentro daquela circunstância. Então...um problema que eu não sei bem precisar, mas ainda corre perigo, de, de voltar a distrito...

(Fátima)- É, isso o pessoal fala, porque, na verdade, o plebiscito foi em 95, e teve uma emenda constitucional em 96 que dizia o seguinte: que uma das questões que precisa, um dos requisitos era o plebiscito ser, é, estendido a não só o, os moradores do distrito, mas também a todo o município-mãe (ao fundo, o depoente concorda: Ahan...), Nova Iguaçu; o estudo de viabilidade ser comprovado e tinha um terceiro item, só que Mesquita foi emancipado através, depois de toda a briga judicial em 99, o plebiscito ocorreu em 95, e essa emenda constitucional foi em 96, é essa a questão, então o que que o pessoal de Mesquita tá colocando é que, quer dizer, na verdade, o plebiscito foi em 95, só conseguiram provar em 99, a emenda constitucional que dizia que tinha que consultar todo o município-mãe foi de 96 (o depoente reafirma: “é depois”), foi depois, é isso que diz que é inconstitucional, só que o nosso plebiscito foi 95, o plebiscito de Mesquita foi em 95.

(Jackson) – Mas, o, a, elevado á categoria depois...

(Fátima)- 99, e é isso que tão argumentando...

(Jackson) – É, exato, e é por aí que alguém há de..., eu acho que eles querem uma nova emenda pra dar um conserto nisso, porque, no caso de Mesquita, é uma injustiça muito grande, e em alguns outros distritos por aí, que eu não sei...

(Fátima)- E...,deixa eu ver o que eu vou fazer aqui, deixa eu ver aonde é que tá, per aí...Dr. Jackson, eu queria que o senhor falasse um pouco, eu gostei muito daquela parte que o senhor me falou do livro que o senhor estudou, sobre os municípios, quando foi lá em 1950, né, que o senhor pegou um livro sobre os muni..., a emancipação de Minas Gerais, e o senhor ficou fazendo, sabendo tudo sobre a emancipação, né, então eu, eu gostaria que agora, o senhor colocasse isso, né, quer dizer, o, por